

Pilares do jornalismo de soluções: uma análise das respostas propostas para a seca no programa Estação Agrícola¹

Camila FARIAS²

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Vitor BELÉM³

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO

Esse trabalho buscou identificar quais soluções para a temática da seca foram abordadas por um programa jornalístico de cunho semanal, o Estação Agrícola, e se essas soluções se aproximam das características do jornalismo de soluções. Para contemplar essa investigação, esse trabalho deriva da dissertação “A pauta da seca na TV Sergipe: uma cobertura jornalística à luz do jornalismo de soluções”, que foi defendida na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM). Após a análise de conteúdo ser aplicada como método para os 50 conteúdos analisados, sendo 20 deles ligados ao programa Estação Agrícola, foi possível verificar que as pautas ligadas ao tema da seca apresentam soluções com predominância de caráter emergencial ou permanente, quando falamos a respeito de uma solução realizada sem um período determinado ou com caráter anual. Dessa forma, o telejornalismo assume uma característica de imediatismo, que pode afetar a forma como as coberturas jornalísticas relacionadas ao tema são feitas, prejudicando a inserção de características do jornalismo de soluções.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo de soluções; telejornalismo; seca; Sergipe.

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho apresentado no GP de Telejornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e jornalista pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Bauru). Email: camilagabriellee03@gmail.com.

³ Co-autor. Doutor em Comunicação e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor Adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenador Adjunto do PPGCom/UFS. Líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (Jornau - UFS). E-mail: vitorbelem@academico.ufs.com.

Esse trabalho buscou identificar quais soluções para a temática da seca foram abordadas por um programa jornalístico de cunho semanal, o Estação Agrícola, e se essas soluções se aproximam das características do jornalismo de soluções. Para contemplar essa investigação, esse trabalho deriva da dissertação “A pauta da seca na TV Sergipe: uma cobertura jornalística à luz do jornalismo de soluções”, que foi defendida na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM).

A dissertação investigou como os programas jornalísticos da TV Sergipe, afiliada da Rede Globo, realizaram a cobertura da seca, entre os anos de 2017 a 2019, levando em conta as soluções que foram apontadas a partir da perspectiva das políticas públicas, técnicas de convivência em relação à seca e preservação do bioma da caatinga. O corpus total da análise envolveu 50 matérias, que foram obtidas a partir do uso de filtros no aplicativo “Globoplay”, dentro do período de investigação de interesse.

Para identificar as respostas que foram apontadas à questão da seca, realizamos uma entrevista semi-estruturada com o pesquisador Ailton Rocha, que desenvolveu diversas produções na área. Por meio da entrevista, foi possível chegar a identificação de 4 tipos de classificações para as soluções apontadas para a seca pelo jornalismo: a solução emergencial (até 1 ano - curto prazo), estrutural de médio prazo (1 a 5 anos), estruturante de longo prazo (de 5 a 10 anos) e ações permanentes, que podem ser desde políticas de estado ou ações com realizações anuais. Essa classificação partiu do entendimento de que uma solução emergencial lida com um aspecto realizado dentro do período de até 01 ano e que tem como foco uma gestão reativa a seca, ou seja, ocorre em um período de crise.

Também existem ações consideradas como estruturantes de médio prazo de 1 a 5 anos e de longo prazo, de 5 anos a 10 anos, que estão vinculadas a ações de convivência com o fenômeno e tem um caráter de durabilidade, levando em conta uma gestão de busca aspectos ligados à prevenção e preparo ao momento de crise. Ações permanentes foram classificadas do ponto de vista de serem uma política de estado, ou seja, terem realização anual ou serem subjetivas, do ponto de vista da classificação, ou seja, não sabermos o período que isso pode ocorrer.

Na dissertação, analisamos todos os programas jornalísticos da TV Sergipe, sendo 3 de cunho factual e *hard news* (Bom Dia Sergipe, SE 1ª Edição e SE 2ª Edição),

que são exibidos diariamente, e o programa Estação Agrícola, que é especializado na temática do campo e que é exibido de modo semanal. Não foi feito um comparativo entre os programas, mas essa análise permitiu identificar se a rotina de produção de um telejornal diário afetava a forma como as pautas são produzidas em relação a um programa de cunho semanal.

Neste artigo, realizamos um recorte da dissertação buscando identificar como o programa “Estação Agrícola” realizou a cobertura da seca em Sergipe, do ponto de vista das soluções apontadas de forma predominante e buscando tensionar esses elementos a partir das características do jornalismo de soluções. Dessa forma, foi possível identificar algumas particularidades em um tipo de produção semanal no telejornalismo, apesar desse tipo de produção ainda ter traços do telejornalismo praticado de modo factual, ou seja, sem uma contextualização e aprofundamento do tema e com soluções apresentadas de caráter emergencial para a cobertura do tema.

JORNALISMO DE SOLUÇÕES: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Discutir sobre a noção de jornalismo de soluções não é uma tarefa fácil. Boa parte dessa dificuldade decorre no processo de levantamento teórico, com poucos autores que abordam o tema e de outros conceitos que se mesclam à temática. Por conta disso, essa parte do trabalho se propôs a apresentar um breve levantamento bibliográfico acerca do tema.

De fato, o jornalismo de soluções tem uma proximidade com alguns conceitos, como é o caso do jornalismo cívico, que surge nos Estados Unidos, por volta de 1980, a partir de um cenário de desconfiança dos moradores em veículos de imprensa. Dessa forma, esse modelo de jornalismo surge para “à criação das condições para uma deliberação genuinamente inclusiva e aberta, mas, para além disso, diz respeito à criação e manutenção das condições para a solução conjunta dos problemas, mesmo que os cidadãos discordem sobre quais problemas são politicamente mais relevantes.” Nesse sentido, há o entendimento de que o jornalismo tem um papel de reforçar a cidadania, melhorar o debate público, assim como engajar a sociedade.

A partir dessa perspectiva que envolve o jornalismo cívico com o engajamento popular e que traz mudanças na forma de abordagem da imprensa em relação às pautas,

iniciaremos a discussão acerca do jornalismo de soluções. Mas, antes, é necessário falarmos sobre o jornalismo construtivo - que muitas vezes é visto como um sinônimo do jornalismo de soluções. A base dessa discussão será realizada a partir do artigo “*View of constructive journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production*”, das pesquisadoras da área, Karen McIntyre e Cathrine Gyldensted (2017).

Essas autoras apontam a definição de jornalismo construtivo como “uma forma emergente de jornalismo que envolve a aplicação de técnicas de psicologia positiva aos processos e produção de notícias em um esforço para criar uma cobertura produtiva e envolvente, mantendo-se fiel às funções essenciais do jornalismo”. (McINTYRE; GYLDENSTED, 2017,p.20, tradução nossa). É importante explicar que o jornalismo construtivo é abordado neste trabalho, por ser interpretado por essas autoras como um dos braços do jornalismo de soluções. Discutiremos sobre isso mais adiante.

Em um cenário tradicional de produção, é possível entender “que os jornalistas são atraídos para o conflito e o drama” (Niven, 2005; Patterson, 2000; Shoe-maker, 1996; Shoemaker, Danielian, & Brendlinger, 1991 *apud* McINTYRE; GYLDENSTED,2017,p.20, tradução nossa). Ademais, Loose (2019, p.92) aponta que existe no “campo jornalístico um pressuposto de que notícias boas são notícias ruins, afinal são elas que prendem a atenção do público e geram desmembramentos (suítes), muitas vezes alavancando lucros e até certo prestígio.” Neste cenário, é mais comum que as mortes, tragédias e as catástrofes ganhem maior visibilidade nos meios de comunicação, influenciados também pelo lado mercadológico do jornal.

Apesar da mídia não ter o poder totalitário de influência e determinação do pensamento da população, não se pode negar o seu poder para a transmissão de informações. Diante disso, o jornalismo construtivo trabalha com a técnica da psicologia positiva que é o “Foco em soluções”. As autoras explicam que apesar de alguns profissionais dos veículos de imprensa acreditarem que não é função ou finalidade da mídia verificar quais são as soluções para os problemas na sociedade, “os defensores deste novo modelo de jornalismo acreditam que o jornalismo deve confrontar o público com as informações que envolvem conflito, incentivando as pessoas a se envolverem e agirem sobre esta situação. (McINTYRE, 2015 *apud* McINTYRE; GYLDENSTED, 2017, p.29, tradução nossa.)

Outra definição bastante interessante, foi apontada em 2013 nos Estados Unidos, a partir da criação de uma Rede de Jornalismo de Soluções, que entende que este modelo de jornalismo⁴, “oferece uma visão mais abrangente e representativa do mundo. E faz circular o conhecimento oportuno para ajudar a sociedade a se autocorriger, destacando as respostas adaptativas com as quais as pessoas e as comunidades podem aprender” (*SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK*, 2013, tradução nossa).

Diante disso, podemos compreender que esse jornalismo vai identificar o que a comunidade e as instituições estão fazendo para identificar as soluções dentro de um contexto, abordando também o que não está funcionando, assim como as limitações de uma resposta. A partir desta exposição, a rede de jornalismo de soluções divulga um relatório anual e no material disponível em 2019 e 2020, a rede apontou 4 elementos básicos⁵ para vincular um conteúdo ao jornalismo de soluções. Realizamos uma divisão de 5 características que podem ser consideradas básicas para vincular um conteúdo ao jornalismo de soluções, que foi elaborada na tabela a seguir.

Tabela 1 - 5 pilares do jornalismo de soluções

APRESENTAR UMA RESPOSTA
APRESENTAR COMO UMA RESPOSTA FUNCIONA
TRAZER UM INSIGHT PARA AS PESSOAS
APRESENTAR A EVIDÊNCIA DA RESPOSTA
APRESENTAR AS LIMITAÇÕES DA RESPOSTA

Fonte: Autora da dissertação, com base no relatório anual do jornalismo de soluções (ANNUAL REPORT, 2019)

Vale ressaltar que essa ideia de trazer um “*insight*” também pode ser compreendida como a ação de tornar uma lição ou visão ensinável para as pessoas. Outro aspecto em relação ao jornalismo de soluções que precisa ser ressaltado é que não existe um culto aos heróis, assim como não ocorre uma apresentação de solução rápida para um grande problema ou de difícil resposta. Apesar de parecer uma ideia mais romantizada do jornalismo, realizar o jornalismo voltado para soluções é também um

⁴ Solutions Journalism Network. “Who we are mission”. Disponível em: <https://www.solutionsjournalism.org/who-we-are/mission>. Acesso: 16/05/2021.

⁵ Disponível em: <https://sjn-static.s3.amazonaws.com/reports/2020AnnualReport.pdf> e <https://sjn-static.s3.amazonaws.com/reports/2019AnnualReport.pdf>. Acesso: 19/05/2021.

desafio do ponto de vista mercadológico e empresarial, já que o seu objetivo não é favorecer uma pessoa em detrimento de outras. Por isso, que acima falamos que é importante observar as soluções propostas pela imprensa com criticidade, visto que existem outros fatores de influência que afetam o processo organizacional.

A RELAÇÃO DA SECA COM O TELEJORNALISMO E OS IMPACTOS EM SERGIPE

A partir do que discutimos acerca do jornalismo de soluções, iniciaremos uma breve apresentação sobre a região nordeste e alguns elementos que foram consolidados a partir da seca. Nesta perspectiva, abordaremos como a mídia, sobretudo, o telejornalismo, contribui para a consolidação de uma imagem acerca de um determinado tema ou assunto e retomaremos a tensão entre a forma de jornalismo tradicional e o jornalismo de soluções.

A região Nordeste possui a segunda maior população do país (57.071.654 milhões de residentes)⁶ e possui nove estados brasileiros: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Dentre os seus climas, está o semiárido, que apresenta como características “no Semiárido chove pouco (as precipitações variam entre 500 e 800 mm, havendo, no entanto, bolsões significativos de 400 mm) e as chuvas são mal distribuídas no tempo[...]. (SUASSUNA, 2007, p.135)

Os registros de seca na região são antigos. Por exemplo, no século XVIII existem relatos que apontam o impacto da seca que ocorreu entre os anos de 1777 e 1778 (CAMPOS, 2014). Mas, na região não ocorriam somente secas. É por isso que Campos (2014) explica que cerca de 32 anos de bons invernos ocorreram depois desse período, o que ocasionou o crescimento populacional, que não foi acompanhado pelo fortalecimento de infraestrutura na região.

Ou seja, nos períodos em que houve uma maior estabilidade do clima, houve um crescimento da população, sem fortalecer o aspecto estrutural do local. Diante disso,

⁶Estimativas da população residente no Brasil e Unidades de Federação com data de referência em 1º de julho de 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em 04/07/2020.

quando os momentos de seca se intensificaram, o local era afetado gravemente. Em relação ao estado de Sergipe, que foi analisado neste trabalho, o cenário não é diferente. Em 16 de março de 2005, o Ministério da Integração Nacional atualizou a relação dos municípios pertencentes à região do semiárido, vinculado ao Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste - FNE. Para o estado de Sergipe, 29 municípios (de um total de 75 ou 38,6%, assim como 50,9% de sua área) entraram para essa delimitação. Neste cenário, a seca que ocorreu entre os anos 2012-2016 (que foram anteriores ao período investigado de 2017-2019) foi uma das mais graves da região. (ROCHA, 2017)

A questão histórica da seca na região Nordeste, assim como em Sergipe, não foi se consolidando somente do ponto de vista climático, mas também serviu como um símbolo para o local. “A seca na região Nordeste do Brasil é um fenômeno climático de efeitos ideologicamente produzidos e historicamente consolidados” (GOMES; ROSADO, 2018, p.73), o que contribuiu para uma visão homogeneizada da região. Visão essa que foi reforçada em outros espaços, como nos veículos de imprensa, teatro, literatura e cinema.

Dessa forma, Silva e Massuchin (2019) citam Albuquerque Júnior (2011), que explica que desde o cinema, os filmes sobre o Nordeste trazem os personagens como coitados e inversos à civilização, o que também aconteceu no jornalismo. “No meio jornalístico essa realidade não é muito distante e nota-se em diversas matérias, mesmo que forma sutil, a figura dos nordestinos como pobres, coitados, castigados pela seca, necessitados.” (SILVA; MASSUCHIN, 2019 p.12).

Diante disso, temos a instauração do aspecto de homogeneização que foi ressaltado pela imprensa, além de um sistema de tensão entre “o sertão-Nordeste como uma região-problema, como síntese de tudo que não se desejava ser” (ALVES, 2009, p. 25). No cenário televisivo, Paternostro (1987, p.75), já orientava que “a imagem tem narrativa própria, e para transmitir a emoção de um momento, o silêncio ou o som original do que está acontecendo, vale mais do que frases descritivas, longas, repetitivas. [...]”.

Por isso, a imagem no cenário da produção audiovisual no telejornalismo carrega um peso muito forte de transmitir essa emoção ao telespectador. Diante disso, essa repetição de um cenário de semiárido seco, pobre e miserável pode ocorrer também, pelo que Rock (1973) explica em relação ao fato de o repórter já ter uma

pré-imagem, além de construir conhecimentos estereotipados, garantem visualmente “a eterna repetição dos mesmos elementos” (*apud* TRAQUINA, 2005, p.75).

Diante dessa realidade, Reginato (2016) explica que é fundamental que os veículos de comunicação tenham cuidado em relação às pautas que eles dão visibilidade e o que isso vai representar para sua audiência. Como já apontamos neste artigo, existe uma resistência por parte dos jornalistas em verem notícias boas ou a partir de soluções como algo que deva ser noticiado, sendo que de modo geral, as pautas com caráter negativo possuem maior força. Ao tensionarmos a forma como a seca foi consolidada pelo jornalismo tradicional, com o jornalismo de soluções, é possível perceber a necessidade de uma nova abordagem do tema e o apontamento de soluções e respostas ao tema da seca.

METODOLOGIA

Para apontarmos a parte metodológica deste trabalho, é importante contextualizarmos acerca do veículo de imprensa que foi analisado: a TV Sergipe. A emissora, afiliada da Rede Globo, foi inaugurada em 15 de novembro de 1971, sendo a primeira no estado. Atualmente, tem 50 anos e possui área de atuação e cobertura limitada ao estado de Sergipe, com localização na cidade de Aracaju (SE), no endereço Rua Alto da TV, s/n. Bairro Cidade Nova.

Um dos programas jornalísticos da emissora é o Estação Agrícola, que passa aos domingos pela manhã, a partir das 7h25, com duração aproximada de 30 minutos.

O Estação Agrícola é o espaço onde o homem do campo encontra o resultado das últimas pesquisas sobre agricultura e pecuária, a cotação de produtos do campo e os esclarecimentos sobre perguntas de telespectadores com problemas no plantio ou criação. O programa abre espaço também para os bons exemplos adotados por produtores rurais. Sem contar com as receitas que agradam quem é do campo e da cidade também. (NEGÓCIOS REDE GLOBO, 2021).

Por meio dessa descrição, é possível compreender que este programa tem como direcionamento pautas agrícolas, o que pode agregar uma orientação ao agricultor. Durante a elaboração da dissertação, 50 matérias foram selecionadas a partir do site do Globoplay, uma plataforma digital. Como os jornais da TV Sergipe não são vinculados na íntegra nessa plataforma, aplicou-se um filtro de buscas, a partir de temas associados

à seca, levando em conta a parte agrícola e climática. No caso do programa Estação Agrícola, tivemos o total de 20 matérias que foram analisadas e que serviram como base neste trabalho.

A análise de conteúdo foi utilizada como metodologia para a dissertação base deste trabalho e conseqüentemente também estará presente nesse material. Esse método pode ser compreendido como um conjunto de técnicas que são sistemáticas, podendo ser aplicadas dentro do jornalismo, por meio da descrição do conteúdo (BARDIN, 1977).

No cenário do jornalismo, a pesquisa permite que um grande volume de informações seja analisada, levando em conta a análise de sons, dos textos, das imagens e dos símbolos jornalísticos, a partir de uma amostra que foi pré-selecionada pelo pesquisador. (TEMER, 2014). Um dos aspectos relacionados ao desenvolvimento da metodologia diz respeito à criação de categorias. “O primeiro passo do pesquisador, portanto, é definir as categorias de análise, que por sua vez deverão ser escolhidas em função do objetivo proposto, incluindo-se eventualmente objetivos cruzados” (TEMER, 2014, p.37). Na dissertação, tivemos 04 categorias base que foram investigadas, mas neste trabalho, fizemos um recorte dos programas exibidos pelo Estação agrícola, a partir da identificação das soluções predominantes que foram apresentadas no programa e algumas características relacionadas ao jornalismo de soluções. Neste aspecto, a categoria apontada neste trabalho está disposta a partir das soluções de caráter emergencial, estruturante de médio e longo prazo e permanente.

Para o desenvolvimento da dissertação e do recorte deste trabalho, um dos materiais investigados foi o “Panorama da seca no Estado de Sergipe: Impactos e ações de enfrentamento”², do pesquisador Ailton Rocha, que realizou a apresentação de algumas ações que foram realizadas pelo poder público para o enfrentamento da seca. Posteriormente, junto a esses órgãos, aplicamos um formulário no qual foi possível chegar às ações ou respostas que foram feitas entre os anos de 2017 a 2019.

Dentre essas ações podemos destacar a Instalação de Dessalinizadores e Combate à Desertificação, Implantação de palma forrageira em pequenas áreas distribuição de sementes; mecanização agrícola e apoio à qualificação, Perfuração e instalação de poços tubulares; recuperação, ampliação de barragens, assim como o decreto da situação de emergência. Esse levantamento foi importante para conseguir

identificar possíveis soluções e respostas ao tema da seca e se isso foi investigado pela imprensa na cobertura telejornalística.

RESULTADOS

Na dissertação, que foi a base deste trabalho, foram obtidas 50 matérias para análise, sendo 20 vinculadas ao programa Estação Agrícola. Por isso, os resultados apontados nesta parte do trabalho compreendem uma investigação, relacionada a este programa de forma específica. Durante a investigação por programa, foi possível constatar que o Estação Agrícola teve a predominância de ações com caráter permanente e soluções emergenciais, assim como os outros programas investigados da Rede, que são telejornais diários e vinculados ao *hard news*. Em contrapartida, existem poucos conteúdos abordando uma solução estruturante, ou seja, com impacto duradouro e de tom preventivo à seca.

Tabela 3- Soluções por predominância e quantificação das matérias ⁷

Soluções abordadas	Telejornais em geral (BOM DIA, SE 1ª E 2ª EDIÇÃO)	Estação Agrícola
SOLUÇÃO EMERGENCIAL - CURTO PRAZO - ATÉ 1 ANO	13	06
SOLUÇÃO ESTRUTURANTE - MÉDIO PRAZO - DE 1 A 5 ANOS	08	03
SOLUÇÃO ESTRUTURANTE - LONGO PRAZO- DE 5 A 10 ANOS	03	00
AÇÃO DE CARÁTER PERMANENTE - POLÍTICA DE ESTADO OU COM PREVISÃO DE REALIZAÇÃO ANUAL	17	10

Fonte: Autora da dissertação

Diante da análise das soluções por predominância, podemos afirmar que as soluções que tiveram maior aparição foram a de programas realizados para os produtores, a distribuição de sementes e o decreto de situação de emergência. É interessante a reflexão de que a televisão, por contar com um aspecto imediatista, pode

⁷ Um conteúdo poderia citar mais de uma solução ou resposta para a seca.

afetar a escolha de pautas que tem tom emergencial, deixando de lado reportagens que poderiam falar de ações estruturantes, ou seja, com impacto mais duradouro, de preparo para a convivência com o fenômeno e até mesmo, preventivo em relação a um possível período de seca. Por outro lado, a presença de pautas com tom permanente pode ser vista como ações de Estado, empresas ou outras instituições de direito privado, que podem ocorrer todos os anos ou que não podem ter sua classificação medida em relação a um impacto temporal, sendo praticada na maioria das vezes por fontes oficiais.

Percebemos essa ação para divulgar eventos que iriam ocorrer ou que tinham ocorrido, dentro de algum tema que envolvesse a seca, como a verificação do custo da produção agrícola do milho e do leite, por exemplo. De qualquer forma, mesmo se tratando de uma solução com tom “permanente”, a divulgação de um evento traz o aspecto de pauta “quente”, ou seja, traz uma relevância temporal para o jornalismo, reforçando o aspecto da factualidade.

Figura 1 - Soluções apresentadas por predominância



Fonte: Autora da dissertação

A partir da análise da figura 1, percebemos uma predominância de ações de caráter permanente, seja pela realização anual ou por se tratar de ações de orientação e

assistência técnica ao produtor. Como exemplo, podemos ressaltar o projeto Campo Futuro (que consiste em reuniões com apresentação de painéis sobre custo de produção e serve para orientar o produtor, sendo realizada pela Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Sergipe - FAESE).

Sobre a ação emergencial direcionada para o decreto de emergência, com vigência de 180 dias, ela pode ocorrer a partir de uma situação de calamidade, que pode causar uma instabilidade em uma região ou país. Quando o estado de emergência é declarado, o governo consegue direcionar suas ações para planos que vão conter uma determinada situação e solicitar receita do Governo Federal.

Ainda assim, entendemos que era possível explorar mais as ações permanentes, de modo a relacionar-se com temas estruturais e trazer ações de apoio à qualificação do produtor, por meio da apresentação de exemplos práticos, ações de educação ambiental em relação à preservação da caatinga e técnicas direcionadas ao plantio e criação de animais, ainda mais se tratando de um programa de cunho semanal e com uma lógica de produção diferente do *hard news*. O aprofundamento da temática, trazendo uma orientação para o público, reforça o que segundo Lima (2004) diferencia o jornalismo de outras atividades. “O que diferencia de fato o jornalismo de outras atividades é o desempenho da tarefa informativa e orientativa”. (LIMA, 2004, p.11).

Isto representa dizer que a sociedade busca o jornalismo, especificamente, o telejornalismo, porque deseja ser orientada e a mídia possui uma função pedagógica que pode ser explorada por meio do jornalismo de soluções, sem somente destacar o problema ou realizar a cobertura de eventos que tratam de temas importantes, mas que são abordados de forma superficial e em muitos casos, estereotipada ou homogeneizada em relação à seca, como falamos neste artigo. Inclusive, dentro das 5 características principais do jornalismo de soluções percebemos uma falta de aprofundamento no conteúdo, que foi ressaltado pelas soluções em predominância que apresentamos neste trabalho.

Tabela 1 - 5 pilares do jornalismo de soluções - SOMENTE ESTAÇÃO AGRÍCOLA

APRESENTAR UMA RESPOSTA -14 DE 20 - 70%
APRESENTAR COMO UMA RESPOSTA FUNCIONA - 05 de 14 -35,7%
TRAZER UM INSIGHT PARA AS PESSOAS - 09 DE 14 -64,2%
APRESENTAR A EVIDÊNCIA DA RESPOSTA 3 DE 14 - 21,4%

APRESENTAR AS LIMITAÇÕES DA RESPOSTA - 1 DE 14 - 7,1%

Fonte: Autora da dissertação

Neste aspecto, podemos visualizar que somente 35,7% dos conteúdos abordaram uma explicação sobre o funcionamento de uma solução abordada. Outros dois pontos podem ser considerados críticos, como: apresentar evidência da resposta e as limitações que ela possui. A rede de jornalismo de soluções defende que “é fundamental apresentar evidências da resposta e no caso de um assunto ser novo, ou seja, não ter muitas evidências, o repórter pode apresentar isso ao público, explicando que ainda se trata de um processo em teste, que é uma novidade.” (ANNUAL REPORT, 2020,p.6, tradução nossa).

Em relação às limitações da resposta, elas “também são essenciais porque uma história de soluções podem ter deficiências, até porque, elas podem funcionar muito bem para uma comunidade e falhar em outras. É por isso que o contexto se torna tão importante e que a imprensa perde ao generalizar.” (ANNUAL REPORT, 2020,p.6, tradução nossa). A partir de um momento em que a imprensa apresenta uma solução ou resposta para o tema da seca e traz essas lacunas na abordagem, a cobertura jornalística pode contar déficits como é o caso da generalização de um tema e o aspecto de homogeneização do impacto da seca no semiárido.

Apesar desses aspectos negativos, vale a pena destacar que na dissertação, 33 matérias foram investigadas do ponto de vista do jornalismo de soluções e somente 07 delas apresentaram o funcionamento de uma resposta, sendo 05 ligadas ao programa Estação Agrícola, na comparação com telejornais diários.

Além disso, somente 4 delas apresentaram uma evidência para a resposta (o que pode ser um indicativo de uma busca de aprofundamento do conteúdo), sendo que 3 estavam vinculadas ao programa Estação Agrícola, o que pode indicar uma diferença entre a abordagem clássica do telejornal diário, que é impactado diretamente pela correria do dia a dia e que recebe muitas entradas ao vivo (o que evita o aprofundamento de um tema, pela questão do tempo), diante de um programa de produção semanal e com especialização na pauta agrícola.

CONCLUSÃO

Diante das soluções que apontamos neste trabalho em relação à seca, podemos refletir que o telejornalismo tem uma rotina de produção acelerada, o que pode afetar no aprofundamento de um tema e conseqüentemente, na implementação de características do jornalismo de soluções. Ainda, percebe-se que o tema da seca ainda é cercado de muitas respostas e soluções com caráter emergencial, ou seja, que tem um tom reativo à seca e não preventivo. Dessa forma, temos problemas como a falta contextualização, de evidências ou limitações de uma resposta e uma mobilização social sobre a temática.

Sem romantizar ou generalizar esse tipo de abordagem para todas as coberturas jornalísticas, o que propomos é um modelo de jornalismo, que é voltado para a apresentação de respostas para a seca a partir das características do jornalismo de soluções, ou seja, respostas que apresentem um caráter com tom estrutural e que possam ser apresentadas de forma contextualizada, crítica, com suas limitações e evidências e a partir de possibilidades que as pessoas estão utilizando para resolver os problemas ligados ao tema.

Este aspecto de trazer uma resposta deve apontar uma criticidade, levando em conta os agentes que praticaram a resposta e as pessoas que foram beneficiadas com essa ação. Isso representa dizer que não é porque uma solução é apontada que ela é o melhor caminho para um determinado problema. Daí, o aspecto da importância da investigação no jornalismo. Entendemos que esse modelo encontra algumas barreiras, tanto no aspecto dos valores-notícia tradicionais que podem pender ao negativismo, mas também diante da velocidade de produzir informações que é exigida nas redações jornalísticas. Ressalta-se também que as redações estão cada vez menores e os jornalistas, sobrecarregados.

Mesmo com todas essas dificuldades, entendemos o jornalismo como um agente voltado para responsabilidade social e engajamento da população, que pode ofertar diferentes caminhos e perspectivas para promoção da melhoria de temas sociais. Isto pode começar com uma mudança de perspectiva de abordagem de um assunto ou pauta ligada ao tema da seca, que por muitos anos foi consolidada a partir de estereótipos sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elder. **A economia simbólica da cultura popular sertanejo-nordestina**. UNB. Tese de doutorado. 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1977.

CAMPOS, José. **Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos**. Estudos avançados 28 (82), 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000300005. Acesso em: 04/06/2020.

GOMES, Adriano; CID, Rosado. **Ideologia, poder e discurso da seca na mídia**. Todos os direitos desta edição reservados à EDUFURN – Editora da UFRN. Natal, 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

LOOSE, Eloisa. **Jornalismo de soluções e mudanças climáticas: estudos sobre a cobertura da mitigação no site brasileiro G1**. 2019. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/91468/cap.%204.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 05/05/2021.

McINTYRE, Karen; GYLDENSTED, Catherine. **View of Constructive Journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production**. The Journal of Media Innovations 4.2 (2017), 20-34. Disponível em: <https://journals.uio.no/TJMI/article/view/2403/5102>. Acesso: 20/05/2021.

ROCHA, Ailton Francisco. **Panorama da seca no Estado de Sergipe: Impactos e ações de enfrentamento 2017**.

REGINATO, Gisele. **As finalidades do jornalismo :o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2016.

SILVA, Sarah; MASSUCHIN, Michele. **Construção do Nordeste no telejornalismo: um estudo do jornal hoje**. Extraprensa, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 185 – 207, jul./dez. de 2019

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

SUASSUNA, João. **“Semiárido: proposta de convivência com a seca”**. Cadernos de estudos sociais – Recife, v. 23, nº 1-2, pág 135-148, jan/dez. 2007.

TEMER, Ana Carolina. **Gêneros jornalísticos e a Análise de Conteúdo: um aporte brasileiro**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0222-1.pdf>. Acesso: 05/12/2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo -a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Parte 2. Florianópolis, editora Insular. 2005.